

Editorial

O nono número da revista *Imburana* contém inicialmente três artigos que, em perspectiva diversa, atualizam uma discussão sobre a memória cultural nos campos da escrita literária e da cultura popular.

No primeiro deles, Sheila Dias Maciel (UFMT) desenvolve acurada reflexão sobre o livro *O Tempo e Eu: confidências e proposições* (1968), de Luís da Câmara Cascudo, com o intuito de avaliar as singularidades da obra de memórias mais elaborada do conjunto autobiográfico do autor. As marcas de memória no texto revelam tanto a obra na sua relação com a ideia de província, quanto o funcionamento do gênero memórias. Ao final, compreende-se que, ao tirar de si uma imagem do mundo, o narrador de *O tempo e Eu* compõe obra menos regional que humana.

No segundo artigo, Franselma Fernandes de Figueirêdo (UFERSA) apresenta-nos uma leitura do famoso *Lunário Perpétuo* que tem registro numa tradição originada em meados do século XV, quando notas de leituras relatam a passagem dos lunários perpétuos de mão em mão, entre leitores. Segundo a autora, muitos são os Lunários listados pelos historiadores, no Brasil, arrolados em inventários ou mesmo citados em memórias de leituras, pelo menos desde o início do século XVIII. A partir de então foi sucessivamente reeditado e tantas vezes emendado e acrescentado, portanto, possuído, lido, relido, recitado, escutado, comentado e seus ensinamentos foram apropriados por inúmeras famílias no Nordeste brasileiro. Neste início de século XXI, os ensinamentos instrutivos do *Lunário* ainda permanecem sendo difundidos bem mais oralmente pelos “profetas do sertão”, ou “profetas das chuvas”, cuja previsão de inverno se dá conforme os fenômenos da própria natureza, que cobrem desde a direção dos ventos até ciclos solares e lunares.

O terceiro artigo, de autoria de Maria Aparecida de Almeida Rego (UFRN), analisa o romance *Macau* (1934) do ficcionista brasileiro Aurélio Pinheiro, situado no espaço urbano de uma cidade interiorana (Macau-RN) no contexto do início do século XX no Brasil. A leitura recai sobre a trajetória de personagens (as criadas, as mulheres submissas e o negro) que compõem as margens do sistema econômico tradicionalista e preconceituoso. A autora analisa a relação da cidade com as margens dos que ficam submersos à beira de um sistema sem saída que, representado no romance, demonstra a permanência de traços de uma escravidão pela subserviência.

Além dos três primeiros artigos, *Imburana* traz sugestivo dossiê sobre o patrono do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-rio-grandenses em comemoração aos 60 anos do *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1954). Abre o dossiê um artigo de José Luiz Ferreira (UFRN), que faz uma leitura de dois verbetes presentes no *Dicionário do Folclore Brasileiro*: “aboio” e “aboio cantado, aboio em verso”, cotejando-os com outro texto da mesma temática, “O aboiador,” publicado na *Revista do Brasil*, buscando estabelecer os vínculos existentes entre estas práticas culturais presentes no cenário sertanejo e sua base de sustentação mais ampla, a tradição cultural ocidental.

Para complementar o texto teórico sobre os verbetes do dicionário, *Imburana* brinda os seus leitores com o conjunto completo dos artigos cascudianos publicados na *Revista do Brasil*, todos eles vindos a público no início da década de 20 do século passado, com o apoio do editor da revista, Monteiro Lobato.

Este resumo das colaborações ao nono número de *Imburana* reafirma uma missão do Núcleo Câmara Cascudo: divulgar resultados de pesquisas sobre a nossa cultura e literatura. Boa leitura a todos!

Humberto Hermenegildo de Araújo
Editor